

## NAI: OS NOVOS DESAFIOS DA INCLUSÃO

TALITA DOS SANTOS MASTRANTONIO<sup>1</sup>; MARTA CAMPELO MACHADO<sup>2</sup>;  
SUSANE BARRETO ANADON<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – talitamastrantonio@msn.com1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – mtcampelo@gmail.com2

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – naneanadon@hotmail.com3

### 1. INTRODUÇÃO

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI, surgiu em 2008, com o objetivo de atuar na efetiva inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na UFPel. O Núcleo vem atuando para além de somente “incluir”, vem promovendo acesso e permanência aos espaços e aos cotidianos do universo acadêmico. Com base neste objetivo o núcleo possibilita ações diferenciadas de conscientização, de discussão, e de formações pedagógicas junto às três categorias da universidade. A partir do ano de 2017 o NAI atravessou um período de reestruturação, proposta pela nova chefia, ampliando sua equipe, e desenvolvendo o atendimento educacional especializado em nossa instituição. Atualmente o NAI está vinculado à Coordenadoria de Inclusão e Diversidade – CID, cuja coordenação está lotada no Gabinete da Reitoria.

Dentre as muitas ações promovidas pelo NAI destacamos o Programa de tutorias acadêmicas entre pares, o qual consiste na atuação de um acadêmico bolsista tutor desenvolver tutorias acadêmicas junto a acadêmicos com deficiência ou com autismo em nossa universidade.

Neste contexto o tutor representa o papel, dentre outros, de auxiliar na formação de uma nova cultura da “inclusão”, orientando os colegas ingressantes a participarem da comunidade acadêmica em suas mais diferentes atividades, para assim poder angariar uma formação universitária repleta de aprendizados e conquistas. A tutoria vem se constituindo um espaço e um tempo de troca de experiências entre os acadêmicos envolvidos, além de propiciar momentos para promover a discussão e a reflexão sobre a inclusão no ensino superior.

A reedição do Programa de tutorias acadêmicas do NAI vem proporcionando encontros de formação pedagógica, através dos quais alguns profissionais especializados, por exemplo, na área de Libras, vêm nos auxiliando em uma maior abrangência quanto à realização da tutoria.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada constitui a troca de experiências, realizadas mediante os encontros para fins de formações pedagógicas direcionadas ao grupo de tutores do Núcleo, os quais proporcionam aprimoramento do que já está sendo realizado.

A troca de aprendizagem como um processo de mudanças conceituais exemplifica bem uma continuada construção do conhecimento. Pensando neste processo e sobre os estudantes que são atendidos pelo núcleo, as formações e reuniões mensais para auxílio, esclarecimento de dúvidas e troca de experiências com outros tutores, se tornam fundamentais.

Para além desses encontros que o NAI proporciona como orientação aos tutores, existem as atividades desenvolvidas junto aos acadêmicos em tutoria que

envolvem a participação nas tarefas propostas, atualização bibliográfica sobre o conteúdo desenvolvido em aula, revisão de conteúdo para avaliações, elaboração das estratégias de estudos a serem utilizadas no semestre, participação do levantamento de necessidades educacionais dos alunos tutorados no processo de aprendizagem, planejamento e desenvolvimento de atividades, bem como participação nos processos de avaliação.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência nas tutorias é muito satisfatória e extremamente importante, à medida que possibilita a obtenção de um panorama mais abrangente sobre os processos de ensino e aprendizagem, além de conferir a aquisição de conhecimentos para ambos, tutores e acadêmicos em tutorias.

Desenvolver atividades como tutores é um desafio, por gerar expectativas e ansiedades. Percebemos que a tarefa de tutorar nossos colegas exige mais do que conhecimento teórico sobre o conteúdo, demanda capacidade para escolher a melhor metodologia didática e habilidade para mobilizar a atenção e o interesse dos tutorados. Os encontros são planejados, buscando seguir o ritmo do aluno, promovendo o diálogo entre tutor e tutorado, e permitindo que estes desenvolvam suas competências na leitura, interpretação, análise, avaliação, investigação, argumentação, discussão, reflexão e construção do conhecimento.

Este processo está intimamente relacionado aos avanços que viemos conquistando para a inserção qualificada destes alunos com necessidades educacionais especiais no meio acadêmico. O NAI continua lutando por uma maior visibilidade destes alunos, contudo, sabe-se da dificuldade que os acadêmicos com deficiência ou com autismo em tutoria possuem em diversos âmbitos, tendo clareza de que cada um avança conforme seu ritmo, e paulatinamente, vão deixando para trás muitos “tabus” que a própria universidade ainda possui.

### **4. CONCLUSÕES**

Perceber nossos colegas em tutorias, buscando e aplicando o conhecimento teórico adquirido em discussões, sendo aprovados nas disciplinas, analisando, intervindo e tendo voz é extremamente gratificante. Acreditamos que o bolsista-tutor exerce o papel de mediador neste processo de inclusão, pois além de estimular o desenvolvimento intelectual do acadêmico em tutoria e contribuir para a garantia da aprendizagem dele ou dela, incentiva toda a forma de busca por respostas, tanto de conhecimento científico quanto de questões administrativas da universidade.

O objetivo do tutor juntamente com o NAI é cada vez mais a autonomia acadêmica e intelectual do acadêmico em tutoria, como uma conquista para seu futuro profissional. Buscando contribuir para a formação de estudantes tutorados mais críticos e reflexivos, que saibam buscar o conhecimento, que aprendam a pensar de forma associativa e que tenham consciência de seus direitos e deveres na universidade e na sociedade.

“Logo, estas instituições como os demais contextos educacionais são responsáveis pela promoção da cidadania e como tal tem o dever de oportunizar e incentivar uma educação para todos. Por sua vez, convivendo em uma comunidade acadêmica, as pessoas com necessidades educacionais especiais podem ter um projeto de vida concretizado, principalmente quando o convívio e as

trocas se fortalecem a partir do apoio mútuo. ” (CASTANHO; FREITAS, 2006)

Dessa forma compartilhamos da ideia de que a Educação Superior de qualidade deve ser um espaço de troca e de convívio social e democrático, por meio do qual as diferenças não resultem em constrangimentos ou em bloqueios, mas sim, na convivência harmoniosa num mundo repleto de diversidade. Pois, ninguém é igual, somos todos construídos e constituídos por vivências diferenciadas, com origens familiares das mais variadas. Sendo assim, construir a universidade inclusiva é construir um mundo para todas e para todos existirem nele com dignidade.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTANHO, Denise Molon; FREITAS, Soraia Napoleão. Inclusão e prática docente no ensino superior. Revista Educação Especial, n. 27, p. 93 – 99. Santa Maria, 2006.

UFPEL. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cid/nai/>. Acesso em: Agosto/2018.